

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA KANTIANA PARA A EDUCAÇÃO

*Izabel Cristina Xavier Rosa Kaadi
Patrícia Maria Ferreira
Renata Magalhães Vaz Assis
Thâmara Nayara Alves Pereira*

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo: O livro *Sobre a pedagogia*, de Immanuel Kant (1724-1804), foi escrito na Alemanha do século XVIII, inserido em um contexto que provoca um “alfinetar” aos professores da época; há a interferência da Igreja Luterana no poder político e surge a primeira escola organizada na diferença de classes sociais. Para Kant, a criança é produto da experiência e é moldada tanto por aspectos advindos da natureza (o instinto, a animalidade do indivíduo) quanto pela educação, a qual o fim maior é a razão e o alcance da moralidade. Para ele, a educação moral deve vir antes da educação religiosa, a sociedade deve reger-se pela ideia cosmopolita, ou seja, as sociedades futuras serão sempre melhores que a atual, porém, não se deve cair na animalidade; faz uma crítica ao belo, preza o interativismo e, principalmente, a liberdade. As teorias kantianas podem ser pressupostos básicos para todas as disciplinas, já que trabalham noções acerca da pedagogia (educação) infantil, no entanto, estes pressupostos não devem ser tidos como verdadeiros e irrefutáveis. Ainda, a transdisciplinaridade é evidente em Kant, já que ele valoriza e ressalta a importância de uma educação, *a priori*, doméstica, para só depois se passar a um plano exterior, por meio das escolas. Sob esse olhar, Kant compara os germes e a disposição, trabalha os conceitos da educação física e da educação prática, e define precisamente os parâmetros que regem cada uma dessas duas linhas.

Palavras-chave: Kant – educação – animalidade – razão – moral.

A teoria kantiana sobre a educação

A obra *Sobre a pedagogia*, de Immanuel Kant, foi escrita na segunda metade do século XVIII, período em que as ideias iluministas estavam no auge; e o autor se declara participante desse movimento ideológico. A educação nesse período passava por vários problemas, principalmente na Alemanha. O primeiro era a baixa qualidade dos professores (geralmente quem assumia esse cargo eram os comerciantes, estudantes e inválidos de guerra), portanto, a formação desses professores e a competência para tal papel era duvidosa. Outro problema era a evasão dos alunos; já que não era obrigatório frequentar uma escola formal, os pais podiam optar pela educação privada (doméstica) ou, por simplesmente, não mandarem seus filhos à



escola. Com isso, eram esporádicas as idas ao ambiente escolar, pois havia poucas instituições educacionais, o que dificultava o acesso ao ensino, além da interferência da Igreja e do Governo nas escolas.

Logo na introdução, Kant (2002) inicia dizendo que o homem é a única criatura que precisa ser educada e o que o diferencia dos outros animais é a razão. Segundo o autor, os animais precisam de nutrição, mas não de cuidados como os seres humanos; a disciplina transforma a animalidade em humanidade e tira a selvageria. Dessa maneira, a formação compreende a disciplina e a instrução, e a educação tem o papel de tornar o homem um ‘verdadeiro ser’.

Nesse sentido, antes de tudo, a educação precisa ser desenvolvida. De acordo com o filósofo, a ‘Providência’ coloca no homem disposições para o bem, porém, são simplesmente disposições, sem a marca distintiva da moral; e é por meio da educação que o homem adquire a moralidade.

O autor apresenta uma visão otimista sobre a educação, pensando nela como possibilidade de avanço para as gerações futuras, trazendo a noção de uma progressão e de aperfeiçoamento a partir do tempo. Assim, reconhece que:

o projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo. Não podemos considerar uma ideia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização. (KANT, 2002, p.17)

Ou seja, existem limites para esse projeto, mas, mesmo assim, ainda considera a educação como um meio de melhoria. A educação, para Kant, é uma arte e não uma ciência, pois a ciência exige um rigor em métodos, exatidão e mecanicismo. Já o processo educacional está sujeito a surpresas, já que lidamos com indivíduos diferentes e que reagem de formas opostas, o que impossibilita pensar em um método que seja aplicado a todos. No entanto, é necessário a arte de educar, criar e recriar, o que assegure a defesa de uma educação racionalizada e autônoma. Assim, "é preciso colocar a ciência em lugar do mecanismo, no que tange à arte da educação" (KANT, 2002, p.22).

Mas mesmo pensando numa educação autônoma e racionalizada, o homem deve ser disciplinado, tornar-se culto, tornar-se prudente e cuidar da moralização. O indivíduo pode ser treinado, disciplinado, instruído mecanicamente; ou ser em verdade ilustrado/esclarecido. O segundo é o tipo de homem indicado por Kant, pois incentiva o ensino, o qual leva as crianças

a pensar e não apenas treina-as/‘robotiza-as’.

A direção das escolas deveria, portanto, depender da decisão de pessoas competentes e ilustradas, aquelas as quais incentivem e visem a formação de homens críticos e autônomos, e que, antes de tudo, também tenham tais posturas. Kant diferencia ‘conhecer’ de ‘pensar’. Para o autor, ‘pensar’ nos leva à ética no sentido literal da palavra: morada comum. Dessa forma, o pensamento é moralizante, também, por condicionar a sua liberdade.

Sobre o tipo de educação, Kant defende a educação pública no sentido de que esta

parece mais vantajosa que a doméstica, não somente em relação à habilidade, mas também com respeito ao verdadeiro caráter do cidadão. A educação doméstica, além de engendrar defeitos do âmbito familiar, os propaga. (2002, p.32)

O autor aborda também a questão da liberdade. Para ele, a liberdade total, ausência de regras ou limites, tornaria as pessoas escravas de seus próprios desejos. Kant sugere então uma liberdade que contenha limites – a disciplina; e pensando em como lidar com a educação, o filósofo estabelece algumas regras:

I) É preciso dar liberdade à criança desde a primeira infância e em todos os seus movimentos; II) Deve-se-lhe mostrar que ela pode conseguir seus propósitos, com a condição de que permita aos demais conseguir os próprios; III) É preciso provar que o constrangimento, que lhe é imposto, tem por finalidade ensinar a usar bem da sua liberdade. (KANT, 2002, p.33-34)

Assim, a educação consiste na escolástica, a qual trabalha com as habilidades e os desenvolvimentos dessas através da escola, como meio fundamental para o homem alcançar seus objetivos; e na formação pragmática, uma formação da prudência, a qual prepara o homem para viver em sociedade. A prudência torna o homem um cidadão preparado a tirar proveito da sociedade para alcançar seus desejos e aceitá-la como de fato é; e na cultura moral, que dá valor à espécie humana e se relaciona diretamente com o senso comum.

Na sequência, Kant apresenta suas contribuições sobre a educação física e a educação prática.

A educação física



A educação física se refere à educação material prestada às crianças por pais, amas ou babás; reporta-se à importância do aleitamento materno, primeiramente defendida por Rousseau, já que, *a priori*, os médicos consideravam o colostro do leite algo danoso ao fortalecimento do recém-nascido e ao seu desenvolvimento geral. No entanto, esse conceito foi quebrado e passou-se a defender o aleitamento como, praticamente, um ‘dever’ da mãe e percebeu-se a real importância das primeiras ‘gotas’ desse leite, que, hoje, sabemos conter ricos anticorpos e limpar o corpo do bebê. Outro fato é que o leite materno, ao contrário do animal – que também pode ser ingerido pelos recém-nascidos – coalha muito rapidamente.

Kant fala, ainda, que não se tem que aquecer muito os bebês, os quais possuem o sangue mais quente que os animais; por isso, o homem deve viver em ambientes frescos, os banhos devem ser frios, a cama fresca e dura (a última é uma metáfora da educação rígida, aquela que estabelece limites e nos afasta das comodidades), não se pode induzir o apetite das crianças – já que ele se desenvolve naturalmente – a não ser através de atividades e ocupação, e os bebês não devem adquirir hábitos que mais tarde se tornem necessidades.

A primeira educação precisa ser puramente negativa, ou seja, vinda da natureza (uma natureza que se refere à animalidade do ser). O autor ressalta, inclusive, o não embalar dos bebês, assim como nos adultos, já que o ninar provoca ânsia de vômito. Dessa forma, o choro dos recém-nascidos é essencial. Chorar faz bem à saúde deles, pois assim desenvolvem melhor as partes internas e os vasos. A primeira perdição das crianças seria, então, conseguir tudo através do choro, o que representa uma vontade despótica.

Os petizes precisam engatinhar até que comecem a andar e não se pode embrulhá-los em faixas, e os deixarem, dessa forma, dependentes artificialmente para desenvolverem tal habilidade. A educação deve, pois, preparar o homem para a vida, uma vida comparada à fortaleza e não à delicadeza.

As crianças devem ter horários certos para se alimentar, isso demonstra disciplina desde cedo; e a educação não pode ocorrer por meio de gritos. Se uma criança respeita os pais, ou quaisquer outras pessoas, sem se submeter a gritos, isso denota obediência e paciência.

Nesse tocante, a parte positiva da educação física é a cultura, parte pela qual o homem se distingue do animal, já que a cultura é o “exercício das forças da índole”. Assim, a primeira regra se refere à abolição da disponibilidade de instrumento, a não ser o cultivo das habilidades naturais, especialmente do movimento voluntário e dos órgãos do sentido.



Nesse âmbito estão as brincadeiras infantis, as quais desenvolvem as aptidões dos bebês, tais como: o futebol, a cabra-cega, o pião, o balanço e a pipa. Essas predisposições seriam a insistência; noções de espaço, grandeza e campo de visão; enrijecimento do corpo e a disciplina.

Desse modo, Kant defende que a criança deve brincar, ter suas horas de recreio, mas deve também aprender a trabalhar, pois é bom que a criança aprenda a exercitar a sua habilidade e a cultivar o seu espírito, porém, os horários dedicados a estas duas espécies de cultura devem ser diferentes. Diante disso, ele não concorda muito com aqueles professores que costumam deixar seus alunos a brincar demais, com o intuito de aprender brincando, isto é, Kant acredita que a escola deva ser uma cultura obrigatória, pois, caso contrário, a criança será prejudicada ao se acostumar a considerar tudo – atividades escolares – como um divertimento.

Portanto, em seu discurso, o filósofo vai levantando alguns métodos para que as crianças e adolescentes/jovens tenham uma programação fixa e determinada. Para isso, ele defende que a memória deve ser ocupada apenas com conhecimentos que precisam ser conservados e que tem pertinência com a vida real, ou seja, memorizar é necessário.

Critica também a educação que alguns pais dão a seus filhos. Ele diz que os pais precisam auxiliar as crianças para que aprendam três traços importantes: a obediência, a veracidade e a sociabilidade.

Para obter a obediência, os pais não devem punir seus filhos. A punição deve ser natural, a partir da desobediência. A veracidade, para o autor, é o principal traço, pois tem a ver com a formação do caráter da criança. Assim, é dever dos pais cuidar para que os seus filhos não mintam, deixando claro o quanto é vergonhoso mentir e que a mentira traz danos para a vida. Já no terceiro traço, que é a sociabilidade, Kant apresenta que as crianças precisam ter relações de amizade com outros seres, para que não vivam isoladamente.

Desse modo, na educação física vemos que Kant defende que as instruções devem ser dadas às crianças e adolescentes conforme as suas idades, ou seja, o ser humano precisa ir vivendo e aproveitando os prazeres da vida.

A educação prática ou moral



De acordo com as ideias do filósofo alemão, dentro da perspectiva iluminista acerca da formação humana, é por meio da educação que o homem poderá alcançar sua autonomia. Ele via a educação como um passaporte para a perfeição da humanidade, sendo que cada geração se aperfeiçoaria mais que a anterior.

Para Kant, a educação prática, também conhecida como educação moral, seria o processo pelo qual o indivíduo desenvolve sua habilidade, sua prudência e sua moralidade, aspectos que, somados, estão diretamente relacionados ao caráter; e a habilidade deveria ser trabalhada através da cultura, até se tornar um hábito do pensar.

A princípio, o cultivo da habilidade consiste na capacidade de concretização dos fins idealizados, ou seja, a capacidade de agir livremente de forma que os desenvolvimentos intelectuais são fortalecidos, ao passo que o indivíduo se mostre capaz de colocá-los em prática. A habilidade deve ser bem fundada, sendo um elemento essencial do caráter humano.

O autor defende que desde cedo se utilize poucos instrumentos para que a criança desenvolva sua habilidade natural, por meio de uma aprendizagem autônoma. Já a prudência consiste na arte de aplicar aos homens a nossa habilidade. Assim, seria esse um modo de o indivíduo utilizar-se de suas habilidades de maneira socialmente aceita para alcançar seus objetivos.

Percebemos no pensamento de Kant uma constante referência ao princípio de universalidade. A etapa suprema da moralidade consiste na consolidação do caráter que, na perspectiva kantiana, implica na aptidão que o ser humano possui de agir de acordo com as máximas que inicialmente são estabelecidas na família e na escola e, posteriormente, na sociedade. Na visão do filósofo, o homem traz em si tendências originárias para todos os vícios, pois tem inclinações e instintos que o impulsionam para um lado, enquanto sua razão o impulsiona para o contrário. Assim, para formar um bom caráter é preciso antes, domar as paixões, pois a natureza humana se traduz em pulsões, desejos, apetites, inclinações; e a moral diz respeito à capacidade que o indivíduo tem de domar esses instintos naturais, quando estes o direcionam para um lado indevido.

O homem precisa aprender a privar-se de certas coisas, o que requer coragem diante das inclinações. De acordo com esse pressuposto, é por meio da razão que conhecemos a lei moral que reside em nós mesmos, o que nos permitirá eleger o que é correto, bom e justo em todas as circunstâncias da vida. Para o autor, é preciso solidificar o caráter moral das crianças da melhor forma possível, através de exemplos e com regras.



Nessa perspectiva, defendia que desde cedo as crianças devem ter consciência acerca dos deveres pra consigo mesma e para com os demais. A criança deve, desse modo, perceber em si mesma a dignidade humana; defendia a necessidade de inculcar nas crianças o respeito e atenção aos direitos humanos, procurando assiduamente colocá-los em prática.

Para o filósofo, o homem não é moralmente bom nem mau, pois não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva sua razão até os conceitos da lei e do dever. Lei esta que reside em nós mesmos: “A lei, considerada em nós, se chama consciência. A consciência é de fato a referência das nossas ações a essa lei” (KANT, 2002, p. 99).

Segundo Kant, a religião sem a consciência moral é um culto supersticioso. Para que a vontade seja autônoma não deve provir de uma fonte externa e estranha ao próprio sujeito, mas da própria razão. A lei divina deve aparecer ao mesmo tempo como lei natural, pois que não é arbitrária. A religião que estiver fundamentada unicamente na Teologia nada pode conter da moralidade. Desse modo, o homem terá apenas de um lado, temor, e de outro, intenção, e vontade de ser premiado.

Defendia que o desinteresse é uma das características da dignidade moral, logo, se a religião não vem acompanhada pela consciência moral torna-se ineficaz. Isso nos remete à ideia de que o filósofo não defendia a recompensa no processo educacional, o indivíduo deve agir pelo bem geral, de forma independente, pois para Kant, a moral se impõe ao homem como uma força universal.

Nesse contexto, o homem não deve agir para satisfazer seus próprios desejos ou para obtenção de prazeres ou recompensas. Através da razão, o sujeito passa a ser, ao mesmo tempo, legislador e executor de suas próprias leis.

Podemos relacionar algumas dessas ideias defendidas por Kant com as ideias de Paulo Freire, principalmente no que se refere à autonomia do sujeito. De acordo com Zatti (2007), as propostas de Kant e Freire possuem em comum uma aposta esperançosa na humanidade, no potencial humano de fazer-se melhor e construir um mundo melhor.

Paulo Freire (1996) defendia a ética universal do ser humano, uma ética que não se curvasse aos interesses do capitalismo, à hipocrisia, e sim a ética indispensável à convivência humana, ou seja, de natureza humana. Ele dizia que como presença consciente no mundo não poderia escapar à responsabilidade ética do seu mover-se no mundo. Já para Zatti,



a temática da autonomia, central no pensamento iluminista, especialmente em Kant, reaparece como central no pensamento de Paulo Freire, e esse é um dos aspectos que fazem do educador brasileiro um herdeiro indireto de Kant e do Iluminismo.(2007, p.77).

Para Kant, o que confere ao homem a dignidade moral chama-se boa vontade, a decisão pessoal sobre o que fazer com os próprios recursos, ou seja, agir de acordo com as exigências de minha própria razão. Assim, o que confere a dignidade moral ao homem não são seus talentos naturais e sim o modo como ele conduz esses talentos.

Considerações finais

Na perspectiva Kantiana, o bem geral deve ser o objetivo maior da educação e o processo pedagógico deve libertar o homem de sua animalidade. Para ele, a felicidade não consiste no fim último da conduta humana, mas tão somente uma consequência permitida pela lei.

Kant acreditava que o sujeito deveria tornar-se cada vez mais moral, prudente, culto e emancipado. Via a educação como um projeto que deve ser pensado e melhorado ao longo da história da humanidade. Sua obra, apesar de elaborada apenas no campo teórico, é reconhecida como um marco da Pedagogia Iluminista, pois representa a confiança da reforma da sociedade através da educação.

A tarefa da educação, nessa perspectiva, consiste em disciplinar os sujeitos para que, independente de sua materialidade animal, possa explorar todas as suas potencialidades de conhecimento a partir das ciências; e o objetivo maior da educação, aqui, é formar um sujeito crítico, prudente e autônomo, que saiba conviver com as circunstâncias históricas num espírito de paz e harmonia social.

Ainda, a transdisciplinaridade e interdisciplinaridade são notórias nas teorias kantianas. Nesse sentido, Santos (2005) defende que “a transdisciplinaridade busca a unidade do conhecimento, assim, busca pela superação da mentalidade fragmentária, incentivando conexões e criando uma visão contextualizada do conhecimento, da vida e do mundo”.

Kant também defende, mesmo que involuntariamente, essa transdisciplinaridade – educação não fragmentada/ambiente doméstico/vida/moralidade; e a interdisciplinaridade, a



qual fica clara na possibilidade de se aplicar as teorias do autor em quaisquer áreas da educação.

Assim sendo, há uma flexibilização do conhecimento no sentido de abarcar todas as disciplinas, interligando-as e não fragmentando-as, o que garante uma ligação entre transdisciplinaridade e interdisciplinaridade.

Finalmente, a perspectiva iluminista acerca da formação humana, presente em Kant, traz grande contribuição para o processo educacional à medida que destaca o papel fundamental da educação, cuja prática precisa ser aperfeiçoada por várias gerações.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontella. 3ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

LUTERO, Martinho. Educação. In: **Obras Selecionadas**. Tradução de Walter Altmann, Ilson Kayser e Walter O. Schlupp. Vol. 5. São Leopoldo – RS: Editora Comissão Interluterana de Literatura, 1995, pág. 299-363.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Livro Primeiro. In: **Emílio ou da Educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992, pág. 9-57.

SANTOS, Akiko. **O que é transdisciplinaridade**. 2005. Periódico – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf. Acesso em 03 abr. 2015.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.